

A Relação Professor-Aluno:

uma análise a partir da Psicologia Analítica

Teaching-Student Relationship:

an analysis through Analytical Psychology

Jader Otávio **Dalto**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
(UTFPR)

Carolina Caires **Motta**

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
(PUCPR)

RESUMO

A relação professor-aluno pode ser considerada como o centro da ação pedagógica em uma instituição de ensino. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar essa relação e seus impactos no ensino e na aprendizagem escolar sob a perspectiva da Psicologia Analítica, relacionando a aprendizagem com os tipos psicológicos e sentimentos presentes nessa relação. Para isso foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, por meio de uma busca de artigos publicados em periódicos brasileiros disponíveis no portal PePSIC. Como resultado, foram obtidos apenas cinco artigos, analisados a partir dos procedimentos definidos pela Análise de Conteúdo, que consiste em um conjunto de ações de Análise de Discurso, a qual revelou, dentre outras coisas, que a relação professor-aluno é permeada por conteúdos psíquicos que acompanham e interferem no processo de ensino e aprendizagem e, por isso, mais que a apreensão de conteúdos curriculares, pode proporcionar transformações da personalidade de alunos e professores, desde que seja estabelecido um vínculo positivo e amoroso.

Palavras-chave: Psicologia Analítica. Ensino e Aprendizagem. Professor-Aluno.

ABSTRACT

Teacher-student relationship can be considered as the center of pedagogical action at school. The aim of this research is to analyze teacher-student relationship and the impacts on school teaching and learning according to Analytical Psychology, relating learning to the psychological types and feelings present in this relationship. For this, a qualitative research was developed based on a search for papers published in Brazilian journals available on the PePSIC webportal. As a result, only five articles were obtained, which were analyzed using the procedures defined by Content Analysis, which is a set of procedures for discourse analysis. The analysis revealed, among other things, that the teacher-student relationship is permeated by psychic contents that accompany and interfere in the teaching and learning processes and, therefore, more than learning curricular content, it can provide personality transformations as long as it is a positive and loving bond is established.

Keywords: Analytical Psychology. Teaching and Learning. Teacher-Student relationship.

1 INTRODUÇÃO

Os processos de ensino e aprendizagem na escola têm sido objeto de muitas investigações no Brasil, tendo em vista que, de acordo com resultados de avaliações de larga escala em nível nacional e internacional, o desempenho dos alunos brasileiros está abaixo do esperado. Muitas são as variáveis que interferem nesses processos, dentre elas, podemos citar a formação dos professores, as condições de trabalho, as físicas (dos estabelecimentos de ensino) e a própria relação que se estabelece entre professor e aluno no ambiente escolar.

A escola tem papel fundamental na educação das crianças. Sob o ponto de vista psicológico, Jung (2013a, p.61) afirma que funciona como meio de apoio para o processo de formação da consciência, de modo que, sem ela, “as crianças seriam inconscientes em um grau muito maior”. Esse processo de formação de consciência, bem como os de ensino e aprendizagem, são influenciados fortemente pelas relações estabelecidas entre as figuras presentes na escola, sendo elas: o professor, o aluno e o conhecimento.

Para além de ensinar conteúdos, os professores, de acordo com Jung (2013a), ensinam, pelo exemplo, promovendo uma educação psíquica que conduz a criança para um mundo mais amplo. Para Jung, ensinar pelo exemplo não é um método de ensino, mas sim uma espécie de conhecimento transmitido de modo inconsciente (SAIANI, 2002).

A partir dessas considerações, pode-se investigar a relação professor-aluno à luz da Psicologia Analítica, dando ênfase aos tipos psicológicos e aos vínculos formados pelos atores do processo educacional. Assim, esta investigação tem como questão norteadora: como a relação professor-aluno pode influenciar na aprendizagem escolar a partir do que a literatura da área apresenta? Para buscarmos uma resposta para essa questão, foi definido como objetivo geral analisar o que se diz a respeito dessa relação e os impactos na aprendizagem escolar sob uma perspectiva junguiana.

2 ASPECTOS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Para que se possa compreender os aspectos da relação professor-aluno a partir da Psicologia Analítica, é preciso que alguns conceitos dessa área sejam apresentados. Os primeiros deles são os de “inconsciente coletivo” e de “arquétipo”. Antes, contudo, de forma breve, cabe apresentar a conceituação sobre “inconsciente”. Na Psicanálise, ele é o local mais arcaico da estrutura psíquica, no qual residem as pulsões – representantes psíquicos dos estímulos somáticos (FREUD, 1980) e conteúdos de repressões secundárias (ZIMERMAN, 1999).

Não existe acesso direto aos conteúdos do inconsciente, mas estes podem se manifestar de forma disfarçada (em nível consciente) por meio dos sonhos, por exemplo. A partir desse conceito, Jung propôs o de “inconsciente coletivo”, considerado como a parte da psique que se distingue do inconsciente pessoal pelo fato de que ele existe independentemente da experiência pessoal. É nessa estrutura da psique que se encontram imagens latentes, ou como Jung afirmava, “imagens primordiais”, as quais são herdadas do passado ancestral. Contudo, apesar de herdá-las, os seres humanos não são capazes de lembrá-las de forma consciente; pois existem como predisposições ou potencialidades (HALL; NORDBY, 2014).

Os conteúdos do inconsciente coletivo têm a função de promover um padrão já formatado de comportamento pessoal que é seguido pelo indivíduo desde o momento do nascimento. Já os do inconsciente coletivo são os arquétipos, logo, a palavra “arquétipo” pode ser entendida como “modelo original” ou ainda “protótipo”. Jung identificou muitos arquétipos, dentre eles, o do nascimento, da morte, da criança, do velho sábio, da mãe terra. De acordo com ele, a quantidade de arquétipos do

inconsciente coletivo corresponde à quantidade de situações típicas na vida. Por meio de uma repetição infinita de experiências em nossa constituição psíquica, foram gravadas “formas sem conteúdo”, que possibilitam um tipo específico de percepção e ação (HALL; NORDBY, 2014).

Como exemplo, podemos citar o arquétipo materno. As infinitas experiências que nossos antepassados tiveram em relação ao cuidado, formação de vínculo, disposição relacional em geral, constituíram para essa “forma sem conteúdo” que existe no inconsciente, coletivo como uma possibilidade de manifestação desses aspectos na psique. As experiências pessoais que cada um tem com tais temas, em sua vida, dão conteúdo a esse arquétipo.

Jung não deu tanta importância para o arquétipo do professor-aluno, talvez por ele se preocupar mais com o desenvolvimento da psique do que com a educação em si. Entretanto, Saiani (2002, p. 106) considera plenamente viável a existência de um que esteja relacionado ao ensino e à aprendizagem, já que, para o autor, “a vivência de aprender e ensinar é arquetípica”.

De acordo com Saiani (2002), o arquétipo professor/aluno foi estudado por Adolph Guggenbühl-Craig (1978, *apud* SAIANI, 2002) o qual considera que o magistério é (assim como a medicina e o serviço social) uma profissão composta por um par de opostos, sendo que, nesse caso, formariam o par de opostos o professor (pensante) e o aluno (ignorante). Para Craig (1978, *apud* SAIANI, 2002, p. 111-2):

A confrontação entre professor e aluno apresenta um paralelismo à tensão interior existente entre os estágios de adulto pensante e criança ignorante. Dentro do adulto, há uma criança que impele para um novo. O conhecimento do adulto torna-se rígido e fechado com respeito à inovação. Para permanecer emocionalmente vivo, o adulto deve conservar e cultivar o potencial de vida representado pela ingênua abertura e pela irracionalidade das experiências da criança que ainda não sabe nada. O adulto, portanto, nunca para de crescer; para de alguma forma manter a saúde psíquica, é preciso conservar uma certa ignorância infantil.

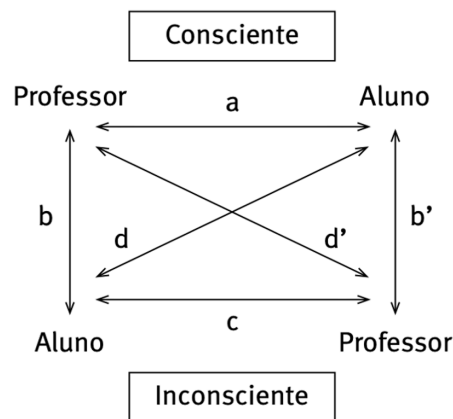
Nessa direção, Bandeira e Fortim (2018) fazem uma análise da relação professor-aluno a partir do arquétipo *puer-senex*. Para as autoras, aprender e ensinar são experiências arquetípicas e podem se dar a partir das polaridades *puer-senex* (jovem-velho), que tem caráter dual: possui em um de seus opostos, *puer*, associado ao aluno e, do outro, *senex*, associado ao professor. Nesse sentido, podem se apresentar um na forma do outro, pois “enquanto no plano da consciência um é constelado, seu par de oposto é ativado no plano inconsciente” (BANDEIRA; FORTIM, 2018, p. 29).

De acordo com o paradigma junguiano, toda relação humana é marcada por elementos inconscientes e conscientes. O aluno-aprendiz está associado de forma consciente à polaridade *puer*, enquanto o professor-mestre está associado, conscientemente, à polaridade *senex*. Para compreendermos os aspectos inconscientes da relação entre ambos, recorreremos a Saiani (2002), que propôs o diagrama apresentado na Figura 1, em que a relação indicada pela seta *a* é a relação pedagógica, em nível consciente, pela qual professor e aluno interagem. Tal relação tem caráter “profissional”, é assimétrica e depende profundamente do perfil do professor, do ambiente escolar, da formação anterior do aluno, das concepções pedagógicas adotadas pela escola e pelo professor, além do tipo psicológico do professor e da forma como ele considera o aluno.

A partir da relação *a*, o professor projeta, inconscientemente, seu aluno interior, cujo vínculo está representado pela seta *b*. Da mesma forma, ao interagir com o professor, o aluno constela inconscientemente seu professor interior, cuja relação está representada pela seta *b'*. De acordo com Craig (1978, *apud* SAIANI, 2002), se a relação *b* não ocorre, o arquétipo é cindido, uma vez que o aspecto infantil do educador, de sujeito que aprende, é reprimido e projetado sobre o educando, assim aquele se torna detentor pleno de todo o saber enquanto este vai sendo considerado cada vez mais como ignorante. Quem ensina frequentemente queixa-se da falta de

vontade de quem aprende, por isso torna-se uma pessoa triste e amarga, pois seu entusiasmo com o novo inexistente e, por meio da imposição do poder, tenta promover a reunificação do arquétipo (SAIANI, 2002). Similarmente, na ausência da relação b' – quando o adulto instruído/professor não está presente no aluno – também ocorre a cisão do arquétipo e este, por sua vez, não demonstra interesse em aprender por ver aquele como inimigo.

Figura 1: A relação professor-aluno



- (a) Uma relação entre o professor e o aluno.
- (b) Uma relação do professor com seu aluno interior.
- (b') Uma relação do aluno com seu professor interior.
- (c) Uma relação do aluno do professor com o professor do aluno.
- (d) Uma relação do professor com o professor do aluno.
- (d') Uma relação do aluno com o aluno do professor.

Fonte: Saiani (2002), adaptado

Se inexistente a relação entre o professor e o professor do aluno, indicada por d' , não há comunicação entre eles. O aluno, assim, muito provavelmente irá imitar o professor, sem se preocupar em aprender. Quando não existe a relação d , o aluno e seu professor não se integram, o que implica em um professor pouco empático diante das dúvidas, incertezas e dificuldades dos aprendizes, considerando-se como dono do conhecimento que deve ser transmitido. Quando não ocorre a relação c , ela inexistente entre o aluno do professor com o professor do aluno, não possibilitando a criação de uma “atmosfera simpática”, de responsabilidade e necessária para que o ensino e a aprendizagem tenham êxito (SAIANI, 2002).

* * *

A relação professor-aluno também é influenciada pelas características próprias de cada sujeito. A esse respeito, a caracterização dos tipos psicológicos, proposta por Jung, pode auxiliar a análise dessa questão. Tal caracterização foi realizada a partir de duas atitudes: introversão e extroversão; e quatro funções estruturantes: pensamento, sentimento, sensação e intuição.

As atitudes introvertida e extrovertida baseiam-se na maneira sob a qual o sujeito dirige sua libido (energia). Um sujeito extrovertido dirige conscientemente sua libido para o objeto, orientando-se pelos fatos que o mundo exterior fornece, a partir de dados objetivos. Assim, interessa-se e dirige sua atenção aos acontecimentos, às pessoas e coisas do seu ambiente.

Considerando que a relação do consciente com o inconsciente é sempre compensatória, em nível inconsciente, o extrovertido dirige a energia a todas as necessidades ou pretensões que “são oprimidas ou reprimidas por uma atitude consciente demasiadamente extrovertida” (JUNG, 2013b, p. 351). A **extroversão** é, portanto, uma atitude objetiva.

O sujeito introvertido, por outro lado, afasta sua libido do objeto, orientando-se a partir de dados subjetivos. De acordo com Jung (2013b), esse tipo de sujeito, apesar de ver as condições externas, conscientemente age a partir da impressão subjetiva que tais condições lhe causam; “subjetivo” é entendido como “a ação ou reação psicológica que, sob a influência do objeto, se funde num novo estado psíquico” (JUNG, 2013b, p. 388). Em nível inconsciente, o sujeito introvertido apresenta “Uma relação compensatória com o objeto que se manifesta como vinculação incondicional e irremediável ao objeto” (JUNG, 2013b, p. 391). Desse modo, a **introversão** é uma atitude subjetiva.

Cabe ressaltar que as duas atitudes são mutuamente exclusivas, de modo que inexistem simultaneamente na consciência, muito embora possam se alternar nela. É possível que uma pessoa seja introvertida em algumas ocasiões e extrovertida em outras. Entretanto, uma dessas atitudes sempre é predominante.

Além dessas atitudes pelas quais o indivíduo canaliza sua energia psíquica, a consciência também pode se orientar a partir de quatro funções psicológicas: pensamento, sentimento, sensação e intuição. De acordo com Jung (2008, p.74), “a sensação (isto é, a percepção sensorial) nos diz que alguma coisa existe; o pensamento mostra-nos o que é essa coisa; o sentimento revela se ela é agradável ou não e a intuição nos dirá de onde vem e para onde vai”.

Mais especificamente, o **pensamento** pode ser considerado como uma função intelectual que busca a compreensão das coisas, a partir da associação de ideias para formação de uma nova, de um conceito geral ou ainda solução de uma situação problemática. O **sentimento** pode ser considerado como uma função avaliadora, na medida em que “aceita ou rejeita uma ideia tomando como base o sentimento agradável ou desagradável que tal ideia suscita” (HALL; NORDBY, 2014, p. 87). Pensamento e sentimento são, portanto, funções racionais, pois ambas exigem um julgamento para que o indivíduo se oriente frente as ações.

A **sensação** consiste em uma percepção das experiências conscientes que são produzidas pelos órgãos dos sentidos ou que têm origem no interior do corpo. É uma experiência concreta que não depende de qualquer pensamento ou sentimento. A **intuição** também apresenta essa característica, mas difere da sensação pelo fato de a pessoa não saber exatamente sua origem. Apesar de existir, a intuição, quando se manifesta, não se origina nos órgãos dos sentidos; pois surge “do nada” (HALL; NORDBY, 2014). Sensação e intuição são, assim, funções irracionais, pois independem da razão.

Se forem combinadas as duas atitudes com as quatro funções, tem-se oito tipos psicológicos. Nesse ínterim, o pensamento extrovertido utiliza as informações do mundo exterior, fornecidas pelos sentidos, para ativar o processo de pensamento. Uma pessoa desse tipo, em geral, procura estabelecer a ordem lógica das coisas, e dessa forma, tende a reprimir o sentimento, o que pode ser considerado como seu ponto fraco.

O pensamento introvertido, por sua vez, utiliza as informações do mundo interior para ativar processos de pensamento. Uma pessoa desse tipo, quando está diante de um problema, antes de tudo, situa os pontos de vista e ideias de modo a criar uma visão panorâmica do que está sendo estudado e, a partir desse processo, surgem ideias novas. Enquanto o tipo pensamento extrovertido valoriza e atua sobre os dados e ideias já existentes, o tipo pensamento introvertido considera os dados empíricos apenas para validar suas teorias. (SILVEIRA, 2003; HALL; NORDBY, 2014).

O sentimento extrovertido tem sua energia dirigida para o mundo objetivo e avalia as informações recebidas a sua volta confrontando-as com padrões tradicionais e estabelecidos socialmente. Uma pessoa desse tipo tende a ser tradicional e conservadora, ao mesmo tempo em que, por manter uma boa relação com os objetos exteriores, é acolhedora e afável. Já no tipo introvertido, o sentimento surge a partir das imagens primordiais oriundas dos arquétipos. Pessoas

com esse perfil tendem a ser profundas, calmas, silenciosas, retraídas, difíceis de compreender, até porque são movidas por forças subjetivas (SILVEIRA, 2003; HALL; NORDBY, 2014).

Quando a sensação é extrovertida, o que se apreende pelos sentidos é determinado pela realidade objetiva na qual o sujeito se encontra. As pessoas desse tipo vivem a partir da apreciação sensorial, tendem a ser realistas, práticas, acumulam fatos sobre o mundo, mas, em geral, não se interessam pelo significado das coisas. Na sensação introvertida, as sensações são determinadas pela realidade subjetiva, sendo fortemente influenciadas pela realidade psíquica. Pessoas com esse tipo tendem a ser menos realistas, uma vez que agem de acordo com as experiências internas causadas pelos objetos do mundo externo (SILVEIRA, 2003; HALL; NORDBY, 2014).

A intuição extrovertida investiga as possibilidades de situações objetivas. As pessoas desse tipo tendem a buscar coisas que não assumiram forma definida, empreendendo várias iniciativas, alternando-se de objeto para objeto com o intuito de descobrir novas possibilidades no mundo real. Já na intuição introvertida, a investigação é realizada a partir dos aspectos da subjetividade, das imagens arquetípicas. Pessoas desse tipo alternam-se de imagem a imagem de seu mundo interno em busca de novas possibilidades (SILVEIRA, 2003; HALL; NORDBY, 2014).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para que fosse possível analisar o que a literatura da área diz a respeito da relação professor-aluno e os impactos na aprendizagem escolar sob uma perspectiva junguiana, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo (BOGDAN; BIKLEN, 1994), com o objetivo de compreender um fenômeno complexo, caracterizado por resultados transitórios. Para tanto foi marcada pela ausência da neutralidade do pesquisador, uma vez que é uma pesquisa essencialmente interpretativa, pela inexistência de uma análise prévia (refutada ou comprovada pela pesquisa), cujas compreensões surgiram durante o processo da pesquisa, de modo que elas mesmas – bem como os meios de obtê-las – puderam ser reconfigurados durante o desenvolvimento da análise (GARNICA, 2004). Enfim, esta pesquisa caracteriza-se por ser essencialmente interpretativa, uma vez que buscou compreender como a relação professor-aluno pode influenciar a aprendizagem, sem o intuito de comprovar ou refutar qualquer hipótese previamente considerada.

O estudo foi realizado a partir de uma busca por artigos publicados em periódicos brasileiros que tratam sobre a temática investigada, em agosto de 2020, no Portal Periódicos Eletrônicos em Psicologia – PePSIC, com a utilização das palavras-chave “jung, relação, professor”; “jung, relação, aluno”; “jung, professor, aluno” em todos os índices de busca.

Para a verificação das informações, foram seguidas algumas orientações da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Para ela, a Análise de Conteúdo consiste em

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

Seguindo as orientações da autora, a análise foi realizada a partir dos seguintes procedimentos: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. O objetivo do primeiro procedimento – pré-análise – é colocar o pesquisador em contato com as informações que vai analisar. É na leitura que, segundo Bardin (2011), as hipóteses emergentes vão surgindo, teorias vão sendo adaptadas e vislumbra-se possibilidades de aplicação de técnicas na análise. Assim, nessa etapa da pesquisa, os artigos resultantes da busca foram lidos

individualmente, atentando-se para a pertinência e relevância do que apresentam em relação ao objeto desta investigação.

Na exploração do material, Bardin (2011, p.131) afirma que “se as diferentes operações da pré-análise forem convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas”. A partir dessa consideração e, tendo em vista os objetivos da pesquisa, nesse momento procurou-se relacionar o conteúdo dos artigos com os tipos psicológicos junguianos, com impactos da relação professor-aluno na aprendizagem escolar e com sentimentos ambivalentes presentes nessa relação.

No último procedimento – tratamento dos resultados obtidos e interpretação – foram realizadas inferências acerca das informações em análise, tendo em vista os objetivos desta investigação e o movimento descrito pela autora: “o analista [...] tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos – ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 2011, p. 131).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos resultados da busca no portal PePSIC (Quadro 1) foram encontrados apenas cinco trabalhos, um número considerado relativamente pequeno. Dois dos artigos foram publicados no ano de 2007, um no final de 2010 e apenas dois são mais recentes, com publicações em 2018 e 2019.

Quadro 1: Resultado da busca por artigos científicos no portal PePSIC

| Ano | Referência |
|------|---|
| 2007 | ARBEX, Cláudia. Um olhar psicopedagógico para a relação professor-aluno atravessada por mitos culturais: implicações na prática educacional. Construção Psicopedagógica , Dez. 2007, vol.15, n.12, p.72-87. |
| 2007 | WAHBA, Liliansa Liviano. O ensino da Psicologia analítica e o desenvolvimento do estudante. Boletim de Psicologia , Jun. 2007, vol.57, n.126, p.71-76. |
| 2010 | LACAVA, Lídia. Mito de Eros e Psiquê: - um caminho possível para pensar a docência. Construção Psicopedagógica , Dez. 2010, vol.18, n.17, p.5-19. |
| 2018 | BANDEIRA, V. F.; FORTIM, I. A relação professor-aluno e o arquétipo puer-senex. Junguiana . vol.36-1, p. 27-36, 2018. |
| 2019 | SILVEIRA, S. T.; MARTINS, P.; BURITY, P. K. M. C. G. Jung e Educação: aproximações e contribuições da tipologia junguiana para o processo educativo Pesquisas e Práticas Psicossociais . vol.14, n. 4. p. 2-12, out-dez, 2019. |

Fonte: autores

Após essa busca, foi realizada a leitura do material coletado e verificou-se que todos constituiriam o *corpus* da pesquisa, uma vez que, mesmo indiretamente, neles foram apurados pontos importantes da relação professor-aluno que podem contribuir para a reflexão de seus impactos na aprendizagem. A seguir, são apresentados alguns aspectos gerais dos trabalhos encontrados.

Arbex (2007) realizou uma investigação que teve como objetivo discutir a relação professor-aluno enfatizando a interferência do universo patriarcal na atuação de homens e mulheres como professores de crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir de uma pesquisa qualitativa, apresenta o relato de caso de um professor que foi contratado para atuar em sala de aula com crianças de quatro anos de idade. Para a autora, parece claro haver uma tendência em desvalorizar o educador e uma associação do papel que desempenha ao gênero feminino, o que poderia explicar o distanciamento dos homens nessa área de atuação.

Ao discorrer sobre o sistema patriarcal na educação, a pesquisadora mostra que tal sistema não permite espaço para a dialética entre as polaridades maternas e paternas – feminino e masculino, fazendo com que se forme uma educação rígida, autoritária e submissa. Pode-se pensar

que a relação professor-aluno é fortemente influenciada por tais condições, de modo que professores tendem a usar sua autoridade para garantir a obediência dos estudantes. Há ainda uma contradição entre as concepções evidentemente patriarcais que regem esse tipo de educação e os sujeitos que nela atuam, prevalentemente do sexo feminino. O fato evidencia a inexistência de uma ligação direta do gênero às qualidades correspondentes a ele.

A autora ainda realizou entrevistas com outros professores que atuam nos anos iniciais e identificou neles sentimentos de isolamento, pois são frequentemente pressionados pela família e amigos que não enxergam o magistério como uma profissão adequada para homens.

Como conclusão, Arbex (2007) identificou uma acentuada polarização entre o masculino e feminino na consciência individual dos entrevistados, o que pode indicar uma dinâmica patriarcal ainda muito ativa. Para mudar esse quadro, ela afirma que “uma escuta voltada para os tabus e mitos associados à relação de aprendizagem entre professor e aluno parece ser de fundamental importância para a instauração de uma dinâmica de alteridade na educação” (ARBEX, 2007, p. 72).

Wahba (2007) discorre, em seu trabalho, sobre a experiência do ensino de Psicologia Analítica no Ensino Superior e na Pós-graduação e identifica, entre outras coisas, que a reflexão, estimulada pelos símbolos que emergem nas situações de ensino, favorece o desenvolvimento do aluno. Apesar de o foco do estudo não ser a relação professor-aluno em si, em alguns trechos são apresentados aspectos importantes para reflexão dessa temática em diferentes contextos.

Para a autora, “o professor tem um papel de mestre – orientador e recebe projeções de autoridade poderosa que pode ser admirada ou contestada. O aluno projeta figuras parentais ou dominantes na sua formação” (WAHBA, 2007, p. 73). Ao receber essa projeção, o professor responde com emoções de gratificação ou de repúdio o que, segundo a pesquisadora, pode gerar contestação e agressividade. Para lidar com tal situação, pode-se lançar mão do questionamento, uma vez que, um debate de ideias e opiniões pode exercer o diálogo consciente, minimizando o efeito das projeções (WAHBA, 2007).

Outro aspecto relevante apontado pela autora é o fato de o professor, em geral, ser visto como modelo de atuação e de sucesso profissional, recebendo, da mesma forma, projeções de idealização e desidealização. Na universidade, os estudantes, devido à sua idade, estão em processo de diferenciação da família enquanto modelo, de modo que os pais vão sendo desidealizados e o professor pode se tornar substituto de modelo de idealização.

Lacava (2010) apresenta resultados de uma pesquisa desenvolvida de mestrado, que teve como objetivo discutir a prática docente a partir da análise do mito de Eros e Psiquê, tema trabalhado a partir de oficinas de sensibilização com professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir de tarefas que faziam referência ao que Psiquê, de acordo com o mito, deveria fazer para resgatar o amor de Eros. O objetivo das oficinas era ampliar, nas professoras, a consciência de si-mesmo para poder ser com os outros, considerada fundamental, pois “o professor, ao se reconectar com seu ser, com sua modalidade de aprendizagem, instaura novas qualidades na dinâmica relacional entre subjetividade e objetividade, real e ideal, razão e emoção interferindo na dinâmica do ensinar e do aprender” (LACAVA, 2010, p.6). Ainda de acordo com a autora, o estudo da relação professor-aluno se faz necessário porque nela está constelada uma dinâmica simbólica e arquetípica, pois, além dos conteúdos pessoais projetados nos professores e nos alunos, outros simbólicos também são aflorados e é por meio desse processo de simbolização “que o homem assume sua humanidade, tomando consciência de sua condição de ser no mundo” (LACAVA, 2010, p. 12).

As tarefas realizadas por Lacava (2010) tinham como objetivo fazer com que as professoras soubessem discriminar, esperar, conter a essência e lidar com a transformação. Para ela, a escolha

do mito e o desenvolvimento das oficinas de sensibilização por meio das tarefas foi importante, pois, para que seja possível um novo significado ao momento em que estamos vivendo,

[...] somente o saber diferenciar, através do olhar de águia, o essencial do secundário, saber aguardar o momento para a ação certa e precisa é que mobilizará transformações no ser e no fazer do ser humano, no ser e no fazer do professor que, certamente, se revelarão no ser e fazer do aluno (p. 17-18, grifo da autora).

Bandeira e Fortim (2018) apresentam um estudo de revisão de literatura sobre a relação professor-aluno a partir da análise do arquétipo *puer-senex*, a qual compreendem como um tipo particular de relação humana que tem aspectos conscientes e inconscientes. Assim recorrem a Saiani (2002) para analisá-la a partir do campo transferencial do professor-aluno (Figura 1). Para as autoras, essa relação pode ser compreendida como mestre-aprendiz, na qual “mestre estaria no plano da consciência associado ao arquétipo do *senex* e o aprendiz no plano da consciência associado ao *puer*” (BANDEIRA; FORTIM, 2018, p. 31), ambos constituindo duas faces do mesmo arquétipo.

O processo educacional, para as pesquisadoras, pode estar associado a uma **prática autoritária** ou **dialógica**. A primeira é fortemente caracterizada pela transmissão do conhecimento, algo exclusivo do *senex*, de forma geralmente opressora e absoluta, podendo estar associada a uma ruptura do arquétipo, de modo que esse polo estaria vivenciando apenas seus aspectos negativos. Uma prática **dialógica**, por outro lado, é marcada pelo aspecto positivo do *senex*, isto é, por disponibilidade, ajuda, abertura, tendo um caráter facilitador da aprendizagem. Nesse caso, não há uma polarização do arquétipo *puer-senex* e o professor e aluno podem participar de maneira dialógica e ativa no processo de ensino e aprendizagem, possibilitando transformação da personalidade total de ambos (BANDEIRA; FORTIM, 2018).

A leitura feita por Bandeira e Fortim (2018, p.34), da relação professor-aluno a partir do arquétipo *puer-senex*, permite que seja compreendida em um campo transferencial (citado anteriormente), de modo que o “professor deveria despertar o aspecto *senex* – professor interior – no aluno e o aluno deveria despertar o aspecto *puer* – aluno interior no professor”. Além disso, as autoras ainda enfatizam a importância de se conhecer o tipo psicológico do professor e do aluno de modo a se estabelecer uma relação transferencial criativa. Tais ações contribuem com a não polarização e cristalização dos atores dessa interação, propiciando uma vivência articulada e positiva, no aspecto pedagógico.

Silveira, Martins e Burity (2019) realizaram um estudo bibliográfico com o objetivo de compreender a concepção de educação para Jung e contribuições possíveis para o processo educativo, em particular no que se refere à teoria dos tipos psicológicos. Nele defendem a ideia de que a tipologia de Jung pode, além de ajudar o indivíduo a desenvolver-se psicologicamente, servir de ferramenta para compreensão das diferenças individuais e do desenvolvimento da personalidade.

Apesar de o trabalho desenvolvido por Jung voltar-se mais para o contexto psicoterapêutico, para as autoras, o pensamento do estudioso pode ser utilizado em favor da educação, pois fornece, dentre outras coisas, uma ampla visão acerca das relações que o indivíduo estabelece subjetivamente e com o mundo exterior. Além disso, uma educação em sintonia com as ideias junguianas deveria fundar-se em um relação professor-aluno que fosse dialética e construtiva, o que vai de encontro com a concepção de educação vigente no mundo ocidental, criticada por Byington (1996) que, ao desconsiderar a vivência e a experimentação, faz com que a aprendizagem seja superficial.

De acordo com as autoras – citando Jung – o aprender pela vivência não se refere apenas à vivência de cada aluno, mas também na do próprio professor, pois “o mais importante não é o que o educador ensina por meio da linguagem, mas o seu verdadeiro ensinamento, o que parte de sua própria vivência” (SILVEIRA; MARTINS; BURITY, 2019, p. 4). Assim é preciso que o professor

seja educado antes de educar, para não incorrer no erro de se transformar em apenas um comunicador de conceitos.

As pesquisadoras ainda apontam alguns aspectos da formação profissional da educação, que deve também se atentar para sua personalidade e potencialidades. Nessa direção, o educador em formação deve estar ativamente envolvido em seu processo, pois assim será capaz de estimular seus educandos para serem responsáveis por si mesmos. Logo, esse pensamento vai ao encontro de Jung, que considera “o tratamento psicoterapêutico como um encontro em que ambos, terapeuta e paciente, passam por transformações” (SILVEIRA; MARTINS; BURITY, 2019, p. 6). Na escola, apesar de o contexto não ser terapêutico, pode-se considerar a relação professor-aluno como um encontro, uma vez que ambos se transformam: aquele também aprende ao ensinar e este, por sua vez, também ensina ao aprender.

É preciso que seja pensada uma formação humanizada do educador, que enfatize não apenas aspectos técnicos, mas também a afetividade, a sensibilidade, a criatividade e a capacidade de lidar com seus próprios conteúdos e com os daqueles com quem tiver a oportunidade de estabelecer um encontro. Além disso, a identificação, por parte do educador, da sua tipologia com a dos educandos poderia favorecer o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que seria possível compreender transferências positivas e negativas recebidas de sujeitos ou mesmo de turmas inteiras.

Após a leitura dos trabalhos obtidos na busca no portal PePSIC, procurou-se aspectos neles presentes que se relacionassem às seguintes temáticas: tipos psicológicos; impactos da relação professor-aluno na aprendizagem e sentimentos ambivalentes nela.

A temática *tipos psicológicos* esteve presente em dois dos artigos (Quadro 2), dos quais são apresentados alguns excertos selecionados em que esse tema é evidenciado e apresenta alguma menção à temática em questão.

Quadro 2: Excertos selecionados em que se evidencia o tema *tipos psicológicos*

| Artigo | Excertos |
|-----------------------------------|---|
| Bandeira e Fortim (2018) | Para Ostwald, a atitude extrovertida-clássica pode favorecer o exercício da docência quando comparada à atitude introvertida-romântica. Embora Jung (2013a) ressalte as importantes contribuições de Ostwald à psicologia dos tipos, entende que o professor introvertido-clássico é compreendido de uma maneira reducionista. Como aponta Byington (1996), a atitude introvertida e as funções sentimento e intuição foram preteridas com a hegemonia da pedagogia racional a qual privilegiou a atitude extrovertida e as funções pensamento e sensação. Podemos considerar que não há um tipo psicológico ideal para a prática do ensino, mas sim a necessidade de um conhecimento, por parte do professor, da tipologia do aluno e de sua própria tipologia (LESSA, 2003; ANDRADE, 2011; ANJOS, 2013). Nesse sentido, Byington (1996) atribui ao professor a responsabilidade de desenvolver sua própria criatividade para apresentar aos seus alunos o conteúdo da melhor forma, sem priorizar o racional em detrimento do vivencial (p. 28). |
| Silveira, Martins e Burity (2019) | Quando formulou sua teoria dos tipos psicológicos, Jung (1921/2013) falou das atitudes e funções da consciência, em que os tipos seriam dimensões psicológicas que se referem à maneira usual de funcionamento cognitivo de um indivíduo. Messick (1976) define estilos cognitivos como atitudes estáveis, preferências ou estratégias habituais que determinam como o indivíduo percebe, recorda, pensa, aprende e se relaciona com os outros. O estilo cognitivo exerce uma forte influência sobre o que se hierarquiza da realidade e na perspectiva do mundo que é construído a partir dessa hierarquização. É uma dimensão da personalidade que permite reconhecer o invariante de uma pessoa por meio de comportamentos muito diferentes. Ao refletirmos sobre o estudo de Jung, pensando nas relações no ambiente da sala de aula, nos deparamos com um modelo educacional que, historicamente, supervaloriza o pensamento em detrimento do sentimento e da intuição, sendo esse um dos desafios na Educação até hoje. Convém ressaltar que, no sistema tipológico, não existe função melhor que outra, na medida em que cada função é mais indicada para determinada situação e todas são necessárias para a vida, sendo importante que |

| | |
|--|--|
| | <p>possamos desenvolvê-las da melhor forma possível. Porém, em nossa cultura ocidental, é feita uma leitura distorcida das funções, pois se confunde pensamento com inteligência, sentimento com sentimentalismo, intuição com desorganização e sensação com falta de imaginação, além de facilitar uma melhor adaptação dos que apresentam uma atitude extrovertida, com função pensamento. A formação do professor seria enriquecida se fizesse parte dos seus aprendizados a identificação de sua tipologia e da tipologia dos seus alunos. Certamente, observaríamos grandes mudanças nas relações e desempenho dos alunos e de seu trabalho, pois, ao fazê-lo, se daria conta de que boa parte das transferências positivas e negativas que recebe de alunos ou até de turmas está relacionada com sua tipologia e muitos problemas de aprendizado também seriam selecionados devido à dificuldade dos diferentes alunos em se adaptar a um único modelo. O professor não pode ser simplesmente um transmissor de conteúdo ou achar que está ensinando para alguém idêntico a ele (Byington, 2003). Para o ensino se desenvolver, é preciso que seja estabelecida uma relação transferencial e que as diferenças sejam respeitadas e estimuladas, para que o espaço da sala de aula seja um ambiente propício para a criação e a transformação de professores e alunos. Essa condição se faz necessária para qualquer ambiente que tenha como objetivo a Educação, seja no primeiro contato com a escola, seja na universidade (p. 9-10).</p> <p>[...] a compreensão dos tipos psicológicos abre um caminho para melhor entendimento da psicologia humana em geral (p. 41).</p> |
|--|--|

Fonte: autores

A temática *impactos da relação professor-aluno na aprendizagem* foi identificada nos cinco artigos pesquisados (Quadro 3), cujos excertos tratam da temática evidenciada.

Quadro 3: Excertos selecionados em que se evidencia o tema *impactos da relação professor-aluno na aprendizagem*

| Artigo | Excertos |
|--------------------------|--|
| Arbex (2007) | <p>A relação professor-aluno, sob esse ponto de vista, confere um trânsito saudável intermediado pela expressão bipolar de cada parte. Ou seja, o professor ensina e aprende, enquanto o aluno aprende e ensina, compondo uma relação quaternária. [...] Ao ampliar o olhar acerca da função do professor na relação professor-aluno, a Psicopedagogia traz para o universo educacional uma realidade mais humanizada, numa relação mais horizontal, na qual transitam conteúdos psíquicos que permeiam a construção do conhecimento. Esses conteúdos não se limitam ao que professores e alunos trazem de suas vivências familiares, mas também às heranças culturais de seu tempo (p. 84-85).</p> |
| Wahba (2007) | <p>Aqui o professor tem um papel de mestre – orientador e recebe projeções de autoridade poderosa que pode ser admirada ou contestada. O aluno projeta figuras parentais ou dominantes na sua formação. O professor recebe projeções despertadas por essa autoridade no inconsciente do aluno, que pode responder com emoções de gratificação ou de afastamento e repúdio, ocasionando contestação e agressividade. O questionamento, por sua vez, quando apresentado em forma de debate, é uma forma de exercer um diálogo consciente, não atrelado às projeções, ou pelo menos, com um grau mínimo destas. [...] O professor é visto como modelo de atuação e sucesso profissional, e recebe projeções de sucesso com idealização e desidealização. A idealização é um processo de formação da identidade, ligado ao ideal de eu e ocorre naturalmente com as figuras que são consideradas modelo (p.73-74).</p> |
| Lacava (2010) | <p>O estudo da relação professor-aluno sempre se fez presente na história da Educação, pois nela pode estar constelada a dimensão de uma dinâmica simbólica e arquetípica, no sentido de que não são somente conteúdos pessoais que são projetados no professor e no aluno. Afloram, também, conteúdos simbólicos que veiculam uma energia psíquica que poderá ser encontrada entre outros seres humanos, que também vivenciaram esses papéis desde o início dos tempos (p. 7).</p> |
| Bandeira e Fortim (2018) | <p>Os modelos de educação mais modernos, entretanto, procuram modificar esse formato tradicional de educação em que professor transfere conhecimento, para um modelo dialético de educação, em que o professor desempenharia um papel de</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>facilitador do processo de aprendizagem do aluno, estimulando sua ânsia pelo conhecimento. O estudo se faz relevante na medida em que a qualidade da relação professor-aluno interfere no processo de ensino-aprendizagem. Como aponta Byington (1996), este processo não se centraliza nem no professor, nem no aluno, mas na sua relação, que é primordial e absoluta no processo educacional. Sendo assim, a forma como essa relação se estabelece e influencia significativamente tanto a experiência do aluno quanto a do professor (p.28).</p> <p>Traçando um paralelo entre os objetivos propostos pela psicoterapia e o vínculo transferencial estabelecido entre terapeuta e paciente, descrito por Jung (2013b) e Penna (2005), com a educação e a relação professor-aluno, podemos dizer que a educação visa à transformação da personalidade total, isto é, em seus aspectos conscientes e inconscientes, sendo a relação transferencial professor-aluno fator decisivo para que tal transformação ocorra. [...] Por meio da vivência e do vínculo transferencial amoroso da relação professor-aluno, ocorre uma transformação da consciência durante o processo de ensino-aprendizagem, em que <i>puer-senex</i>, novo-velho, aluno-professor, objetivo-subjetivo e consciente-inconsciente se articulam, resultando em novos estados de consciência (BYINGTON, 1996) (p.30).</p> <p>Como é destacado por Aquino (1999), existe uma discriminação primária da posição do professor e do aluno, isto porque o professor configura-se como autoridade, o qual tem função continente e reguladora dos contornos da relação. Esta posição precisa ser constantemente validada pelo aluno, não devendo ocorrer exclusivamente devido à historicidade do professor como autoridade. Podemos dizer que a assimetria de poder permeia a relação professor-aluno, mas esta assimetria não sugere que o aluno não saiba nada. Por essa razão, o objetivo do professor não é conservar esta hierarquia, mas sim que essa situação seja apenas circunstancial, de modo a contribuir com a jornada do aluno, promovendo uma relação de paridade e alteridade. [...] Tendo em vista que o vínculo e a relação entre professor-aluno são condições fundantes para que o processo educacional se viabilize, a qualidade e a forma como o vínculo se estabelece terá impacto, tanto no processo de ensino-aprendizagem como no desempenho do professor e aluno. [...] Vale destacar que essa transferência pode se dar de maneira criativa ou defensiva, favorecendo ou não a relação professor-aluno e, conseqüentemente, o processo de ensino-aprendizagem (p. 33-34).</p> |
| <p>Silveira, Martins e Burity (2019)</p> | <p>Esse estilo vai de encontro ao que se espera que deveria ser a interação professor-aluno: uma relação dialética e construtiva (p.3).</p> <p>E preciso que ele mesmo seja uma pessoa correta e sadia, o bom exemplo é o melhor método de ensino (Jung, 1928a/2012, p. 65). Nem todos têm essa visão e a força de vontade para atuar sobre sua própria personalidade, o que acentua as dificuldades na relação ensino- aprendizagem. [...] A Pedagogia simbólica junguiana (BYINGTON, 2003) acontece com mais facilidade no ensino pré-escolar e fundamental, quando, devido à pouca idade dos alunos, acontece a superposição direta das funções didáticas com as funções parentais, o que propicia aos professores uma prática lúdica, imaginativa e afetiva, permitindo que esses profissionais se soltem mais nos níveis subjetivo, intuitivo e afetivo (p. 6-7).</p> <p>Wendt (2003) e Vergueiro (2009) pontuam que a relação professor-aluno é um acontecimento arquetípico, organizado por fatores conscientes e inconscientes [...] É importante e necessário que se absorvam, em todos os níveis educativos, novos métodos com uma noção simbólica e arquetípica para que se construa uma relação emocional aluno-professor participativa e construtivista (p.6-7).</p> <p>A temática sobre a relação entre educadores e estudantes tem atraído cada vez mais o interesse e a atenção de professores e psicólogos, bem como de outros acadêmicos, visto que pode interferir positiva ou negativamente na forma como o conhecimento é apreendido (p.10).</p> |

Fonte: elaborado pelos autores

A temática *sentimentos ambivalentes na relação professor-aluno* foi identificada em quatro artigos (Quadro 4), cujos excertos selecionados evidenciam a temática em questão.

Quadro 4: Excertos selecionados em que se evidencia o tema *sentimentos ambivalentes na relação professor-aluno*

| Artigo | Excertos |
|--------------------------|--|
| Arbex (2007) | Ao conversar com alguns professores que atuam nos ciclos iniciais de ensino, foi possível identificar um sentimento comum de isolamento. Todos descreveram a pressão sofrida por parte da família e amigos, que não enxergam o magistério como uma profissão adequada para homens. Também tiveram que passar por uma espécie de teste de aprovação social nas instituições, no que diz respeito às competências pessoais, independentemente de suas habilidades profissionais (p. 82). |
| Wahba (2007) | Aqui o professor tem um papel de mestre-orientador e recebe projeções de autoridade poderosa que pode ser admirada ou contestada. O aluno projeta figuras parentais ou dominantes na sua formação. O professor recebe projeções despertadas por essa autoridade no inconsciente do aluno, que pode responder com emoções de gratificação ou de afastamento e repúdio, ocasionando contestação e agressividade. O questionamento, por sua vez, quando apresentado em forma de debate, é uma forma de exercer um diálogo consciente, não atrelado às projeções, ou pelo, menos, com um grau mínimo destas (p. 73). |
| Lacava (2010) | Essa proposta tem sua inserção em uma visão mais humana e construtivista de educação, em que se busca aliar a competência criadora à coerência pedagógica. Tarefa difícil, pois ao entrar em contato com o novo, com o diferente, sentimentos contraditórios podem gerar medo, insegurança, descobertas sobre nosso mundo interno, que muitas vezes nos intimidam e paralisam nossas ações. Entretanto, quando se acena com outro jeito de se contatar com essas questões, surge um novo clarão no meio do caminho, que acaba motivando e acenando como uma nova possibilidade... por que não tentar?! (p. 13). |
| Bandeira e Fortim (2018) | A transferência criativa incentiva o ensino e aprendizado, estando associada a sentimentos agradáveis e de bem-estar. Já a transferência defensiva desperta raiva, desprazer e brigas na relação professor-aluno, bloqueando ou limitando o processo de ensino-aprendizagem (p. 30). |

Fonte: elaborado pelos autores

Após a identificação desses excertos, foram realizadas interpretações e inferências, apresentadas no texto da seção seguinte.

* * *

Ensinar e aprender são processos que ocorrem na escola e que, apesar de parecerem centrados no professor ou no aluno, têm como centro a relação que se estabelece entre esses sujeitos. Por meio de tal relação, não apenas o professor ensina e o aluno aprende, mas ambos ensinam e aprendem. Assim, transitam na intersecção de conteúdos psíquicos que acompanham e interferem a construção do conhecimento. Além da aprendizagem dos conteúdos curriculares, ocorre a transformação da personalidade total, a partir da relação transferencial professor-aluno. Quando esta é amorosa, ocorrem transformações de consciência por meio da articulação dos aspectos opostos – professor *versus* aluno; novo *versus* sábio; consciente *versus* inconsciente. Por essas e outras razões, é fundamental que a relação professor-aluno seja analisada.

Um dos aspectos que pode ser analisado acerca dessa questão está associado às características dos sujeitos. Nessa direção, pode-se lançar mão dos tipos psicológicos apresentados por Jung: pensamento, sentimento, sensação e intuição, acompanhados de uma atitude introvertida ou extrovertida. À primeira vista, parece que o professor com pensamento extrovertido seria o tipo mais adequado para a tarefa de ensinar. Entretanto, não há um tipo psicológico mais adequado para o ensino, somente a necessidade de o professor conhecer sua tipologia e a de seu aluno, a fim de que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma satisfatória. Isso contribui para que haja uma mudança na educação tradicional, em que o educador

basicamente expõe os conteúdos e os educandos os recebem e armazenam, para uma educação baseada no diálogo, na qual se orienta e se facilita a aprendizagem, sendo ambos sujeitos ativos, ou seja, responsáveis por ela. Muitas vezes, os problemas de aprendizagem apresentados pelos alunos estão relacionados com a tipologia do professor e com a dificuldade de se adaptarem a ela. As diferenças tipológicas entre alunos e entre eles e os professores precisam ser reconhecidas e respeitadas de modo que seja criado um ambiente voltado à educação eficaz.

A projeção é um dos aspectos que deve ser conhecida pelo professor, por ter papel de mestre, recebe dos alunos projeções de autoridade, de figuras parentais, podendo ser contestadas ou respeitadas. Ao receber essas projeções e, dependendo da forma como os alunos consideram a idealização, o educador pode responder de forma amigável, demonstrando gratificação, ou rude, às vezes com agressividade, o que pode estimular também a agressividade dos alunos. Estar consciente de tais projeções é condição necessária para que seja estabelecido um diálogo consciente entre alunos envolvidos nesse processo, de modo a ignorar ou pelo menos minimizar os efeitos delas.

Alunos e professores, ao entrarem em contato, estabelecem relações inconscientes com seus alunos e professores interiores. Problemas de aprendizagem podem ser identificados a partir da análise dessas relações arquetípicas. Por exemplo, quando o professor não se conecta com seu aluno interior, ocorre o rompimento do arquétipo, ocasionando repressão do aspecto infantil do professor, sendo projetado no aluno. Assim o educador tende a converter-se no detentor pleno do saber, queixa-se da falta de vontade de aprender do educando, tornando-se uma pessoa apática, desmotivada, pois seu entusiasmo com o novo inexistente, e, como forma de lidar com essa situação, tenta impor seu poder.

Talvez essa seja uma das explicações para a forte característica patriarcal na educação. O não estabelecimento da relação entre professor e seu aluno interior pode explicar a rigidez educacional, a autoridade e a submissão exacerbadas que tentam ser impostas e que vão de encontro com a perspectiva de uma educação dialética, que respeite as diferenças individuais.

No momento que se vive no Brasil, com a gênese das escolas cívico-militares, parece que tal movimento se sustenta também pela ruptura da relação entre professor e seu aluno interior.

É sabido que a maior parte dos professores, principalmente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, são do sexo feminino. Percebe-se, aqui, uma aparente contradição entre a perspectiva patriarcal da educação e o sexo de quem assume essa função, o que pode mostrar que tal perspectiva não está relacionada com o sexo do docente. Além disso, como a maior parte desse grupo é composto por mulheres, os homens que entram no magistério e lidam com crianças no início da escolarização podem se sentir solitários e isolados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscou-se investigar como a relação professor-aluno pode influenciar na aprendizagem escolar a partir do que a literatura da área apresenta. Para isso foi realizada uma análise da relação professor-aluno e os impactos na aprendizagem escolar a partir da perspectiva junguiana, uma vez que, apesar de estar mais relacionada ao trabalho clínico, pode apresentar contribuições para o trabalho educacional.

A análise foi realizada a partir dos resultados de uma busca de artigos científicos publicados em periódicos brasileiros no Portal Periódicos Eletrônicos em Psicologia – PePSIC, que retornou apenas cinco trabalhos relacionados à temática, indicando um número reduzido de pesquisas que se voltam a investigar a temática, a partir da Psicologia Analítica, portanto, esse fato pode indicar a escassez de pesquisas da área.

Os resultados apontam também que não há um tipo psicológico que seja o mais adequado para o exercício da profissão de professor. Há, entretanto, a necessidade de que ele conheça seu tipo psicológico e o de seus alunos para que aprendizagem ensino-aprendizagem tenha êxito. Agindo assim, o professor pode estar mais aberto ao reconhecimento das diferenças individuais, fato que permite interferir positivamente na aprendizagem e proporcionar um ambiente dialético de ensino.

De acordo com os estudos encontrados, não há dúvidas de que a relação professor-aluno impacta fortemente na aprendizagem escolar. Por esse motivo, tal relação merece ser estabelecida de forma a criar um vínculo positivo e amoroso. Para tanto, dentre outras coisas, é necessário o reconhecimento das projeções dos alunos nos professores, das diferenças individuais, minimizando o efeito da autoridade daquele sobre este, a fim de estabelecer uma relação de paridade e alteridade.

Nesses mesmos textos não foi possível identificar aspectos de sentimentos ambivalentes na relação professor-aluno. Entretanto, não se pode negar sua existência e essa é uma das limitações desta pesquisa. Tendo em vista o número reduzido de publicações encontradas, como possibilidade de avançar nessa temática, podem ser feitas pesquisas bibliográficas que investiguem publicações em periódicos internacionais, dissertações e teses, além do desenvolvimento de pesquisas de campo envolvendo professores e alunos. Afinal, esse é um campo de pesquisa que merece atenção e pode contribuir muito com a Educação.

REFERÊNCIAS

- ARBEX, C. Um olhar psicopedagógico para a relação professor-aluno atravessada por mitos culturais: implicações na prática educacional. **Construção Psicopedagógica**, dez. 2007, vol.15, no.12, p.72-87.
- BANDEIRA, V. F.; FORTIM, I. A relação professor-aluno e o arquétipo puer-senex. **Junguiana**. v.36-1, p. 27-36, 2018.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Lisboa: Porto, 1994.
- BYINGTON, C. A. B. **Pedagogia simbólica: a construção amorosa do conhecimento do ser**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- FREUD, S. Artigos sobre a metapsicologia. O inconsciente. In: FREUD, S. **Obras completas**, vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915), 1980.
- GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M.C.; ARAÚJO, J. L. (Orgs.) **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.77-98.
- HALL, C. S.; NORDBY, V. J. **Introdução à Psicologia Junguiana**. São Paulo: Cultrix, 2014.
- JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. Obra completa, v. 17, 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a.
- JUNG, C. G. **O Homem e seus símbolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos**. Obra completa, v. 6, 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b.
- LACAVA, L. Mito de Eros e Psiquê: um caminho possível para pensar a docência. **Construção Psicopedagógica**, Dez 2010, vol.18, no.17, p.5-19.
- SAIANI, C. **Jung e a educação: uma análise da relação professor/aluno**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2002.
- SILVEIRA, N. **Jung Vida e Obra**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- SILVEIRA, S. T.; MARTINS, P.; BURITY, P. K. M. C. G. Jung e Educação: aproximações e contribuições da tipologia junguiana para o processo educativo **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. v.14, n. 4. p. 2-12, out-dez 2019.
- WAHBA, L. L. O ensino da Psicologia analítica e o desenvolvimento do estudante. **Boletim de Psicologia**, Jun 2007, vol.57, no.126, p.71-76.
- ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Psicanalíticos**. Teoria, técnica e clínica. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

Submetido em março de 2021.

Aprovado em julho de 2021.

Jader Otávio Dalto

Doutor em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor Associado da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Cornélio Procópio, Paraná, Brasil. ID Lattes: 3499880434249661. Orcid ID: 0000-0001-7684-2480.

Contato: jaderdalto@utfpr.edu.br.

Carolina Caires Motta

Mestra em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Londrina, Paraná, Brasil. ID Lattes: 2781293046500456. Orcid ID: 0000-0002-7701-3200.

Contato: carolina.caires@pucpr.br.